



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS - UAL**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA INGLESA**

**FRANCISCO RICARTE RODRIGUES SOARES**

**O ROBÔ VISTO PELA PERSPECTIVA DO *BILDUNGSROMAN* NA NOVELA *O*  
*HOMEM BICENTENÁRIO***

Cajazeiras – PB

2023

**FRANCISCO RICARTE RODRIGUES SOARES**

**O ROBÔ VISTO PELA PERSPECTIVA DO *BILDUNGSROMAN* NA NOVELA *O  
HOMEM BICENTENÁRIO***

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras – Língua Inglesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Inglesa.

Área de concentração: Literatura

Orientador: Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior

Cajazeiras – PB

2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

S676r Soares, Francisco Ricarte Rodrigues.  
O robô visto pela perspectiva do *Bildungsroman* na novela *O Homem Bicentenário* / Francisco Ricarte Rodrigues Soares. – Cajazeiras, 2023.  
39f.  
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior.  
Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Inglesa) UFCG/CFP,  
2023.

1. Análise literária. 2. Gênero literário. 3. Gênero Bildungsroman-análise literária. 4. Isaac Asimov. 5. O homem bicentenário. 6. Imortalidade robótica. I. Ferreira Júnior, Nelson Eliezer. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 82.09

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

FOLHA DE APROVAÇÃO

Banca Examinadora

Monografia aprovada em \_16\_ / \_11\_ / \_2023\_.



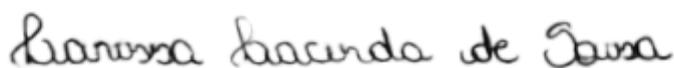
---

Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior  
(Orientador)



---

Profa. Dra. Maria de Lourdes Dionízio Santos  
(Examinadora interna - UFCG)



---

Profa. Ms. Larissa Lacerda de Sousa  
(Examinadora externa – SEDUC-PB)

---

Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa  
(Suplente - UFCG)

## AGRADECIMENTOS

Minha sincera gratidão a todas as pessoas e instituições que tornaram possível a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso. Gostaria de escrever um pouco sobre algumas pessoas que fizeram a diferença não só na elaboração deste texto, mas também na minha formação profissional como professor.

Primeiramente, há uma história curiosa na minha família que minha mãe costuma vez ou outra revisitar. Quando eu tinha três anos, antes mesmo de aprender a ler, ganhei uma coleção de histórias infantis que vinha com um CD narrando todas elas. De tanto ouvir o disco, eu decorei o texto, e então eu pegava os livros e ficava repetindo o que havia decorado. Parecia que estava lendo, mas na verdade estava só reproduzindo o que ouvi. Acontece que ali nascia uma das maiores paixões da minha vida, e tudo por causa da minha mãe. Aprendi a gostar de leitura com ela, e se ela não tivesse me incentivado a ler, talvez eu fosse que nem minhas irmãs, que não ligam tanto para os livros. Devo a ela também a minha profissão. A situação financeira nunca foi fácil, mas meus estudos sempre foram prioridade. Foi a partir disso que iniciei na adolescência os estudos da língua inglesa. De lá para cá, aprendi muito, e hoje tenho a plena certeza de que se eu não tivesse persistido, muitas vezes até por sua imposição, talvez eu não estivesse aqui contando essa história. Então, Sâmya, minha mãe, obrigado por me fazer ser o que sou hoje. Devo tudo a você.

Sempre temos professores durante nossa vida que acabamos tomando algo deles para si. Tive a imensa sorte de iniciar nos estudos da língua inglesa com a Profa. Daniela Morais. Antes, como seu aluno, pude me encantar com a sua maestria e dinamismo em sala de aula. Hoje, como colega de profissão, vejo que muito do que sou como professor vem das nossas vivências. Há muito de Daniela em mim, e se hoje sou alguém capaz de estar em sala de aula, é também porque um dia fui seu aluno. Outra pessoa que gostaria de ressaltar é a Profa. Daise Lilian. Sua paixão pela Literatura é contagiante, e conseguiu me tornar ainda mais apaixonado pelos livros, só que agora de uma forma mais analítica. Consigo enxergar em uma obra muito mais do que conseguia antes de ser seu aluno. Inclusive, muito deste trabalho tem influências de suas aulas. Também vale estar presente aqui meu orientador Prof. Nelson Eliezer, que me guiou ao longo do processo de pesquisa, e fez o que esteve ao seu alcance para me ajudar. Apesar da nossa pouca convivência, desde que fui seu aluno, eu tive a certeza de que ele me faria dar o meu melhor. E não foi diferente. Não poderia ter escolhido alguém melhor do que você para me orientar. Por fim, a todos, meu muito obrigado.

Aos amigos e colegas de classe, cujo apoio moral e camaradagem foram inestimáveis, agradeço por estarem sempre ao meu lado nos momentos de desafio. André Lawan, Geovanna Pedroza, Jamerson Sousa, José Vinícios, Martha Morais e Maria Brasil. Sem vocês eu não estaria aqui. Obrigado pela amizade, pelos momentos leves, e pelo apoio mútuo, que é tão essencial na graduação.

À Winnie, pela força hercúlea que me deu nos momentos finais dessa pesquisa. Suas dicas e conselhos fizeram a diferença, me acalmaram, e me fizeram concluir o trabalho a tempo. Eu não sei o que seria de mim sem a sua ajuda.

Por fim, gostaria de expressar minha gratidão a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para este trabalho, mesmo que não tenham sido mencionados especificamente. Cada palavra de incentivo, cada conversa e cada gesto de apoio foram fundamentais.

## RESUMO

O *Bildungsroman*, um gênero literário originário da Alemanha pós-Primeira Guerra Mundial, inicialmente voltado para a formação da identidade nacional, evoluiu para uma narrativa universal que explora o crescimento e amadurecimento de personagens desde a juventude até a idade adulta. Este gênero oferece uma rica lente para analisar questões de desenvolvimento humano, identidade e sociedade em textos literários. Desse modo, o presente artigo é resultado de uma pesquisa que busca preencher uma lacuna na análise da conexão entre o *Bildungsroman* e *O homem bicentenário* de 1976, do autor Isaac Asimov, destacando a jornada de amadurecimento do protagonista Andrew Martin à luz dos princípios do *Bildungsroman*. Asimov é um dos maiores autores contemporâneos de ficção científica, sendo muitas vezes reverenciado pela sua contribuição para a popularização do gênero. São tratados aspectos do *Bildungsroman* como busca pela liberdade e descobrimento da sua identidade, contribuindo para uma compreensão mais profunda da obra e do gênero literário. As principais fundamentações encontram-se em Maas (2000), Lukács (2000) e Moretti (2020).

**Palavras-chave:** *Bildungsroman*. Isaac Asimov. O homem bicentenário.

## ABSTRACT

*Bildungsroman*, a literary genre originating in post-World War I Germany, initially focused on the formation of national identity, has evolved into a universal narrative that explores the growth and maturation of characters from youth to adulthood. This genre offers a rich lens for analyzing issues of human development, identity and society in literary texts. Thus, this article is the result of research that seeks to fill a gap in the analysis of the connection between the *Bildungsroman* and *The bicentennial man* from 1976, by author Isaac Asimov, highlighting the maturation journey of the protagonist Andrew Martin based on the principles of *Bildungsroman*. Asimov is one of the greatest contemporary science fiction authors, and is often revered for his contribution to the popularization of the genre. Aspects of the *Bildungsroman* will be addressed, such as the search for identity and the discovery of freedom, contributing to a deeper understanding of the work and the literary genre. The main foundations can be found in Maas (2000), Lukács (2000) and Moretti (2020).

**Keywords:** *Bildungsroman*. Isaac Asimov. The Bicentennial Man.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. O GÊNERO BILDUNGSROMAN.....	12
1.1 O BILDUNGSROMAN E SEUS ASPECTOS CONSTITUINTES.....	12
1.2 O BILDUNGSROMAN NA CONTEMPORANEIDADE.....	17
2. O MESTRE DA FICÇÃO CIENTÍFICA, ISAAC ASIMOV.....	20
3. O HOMEM BICENTENÁRIO PELA ÓTICA DO BILDUNGSROMAN.....	24
3.1 ENREDO INICIAL DA NOVELA.....	24
3.2 ASPECTOS FORMATIVOS DO GÊNERO PRESENTES NA OBRA.....	31
3.3 A IMORTALIDADE ROBÓTICA E A HUMANIDADE.....	34
4. CONCLUSÃO.....	37
5. REFERÊNCIAS.....	39

## INTRODUÇÃO

O *Bildungsroman*, ou romance de formação, é um gênero literário, com suas raízes na Alemanha do pós-Primeira Guerra Mundial. Inicialmente, surgiu como uma expressão cultural que buscava forjar uma identidade nacional para o país, em um contexto histórico de necessidade de coesão social. Com o tempo, entretanto, esse gênero literário evoluiu e expandiu suas fronteiras, tornando-se uma narrativa universal que explora o processo de amadurecimento e aprendizado de personagens, desde a juventude até a idade adulta. Nesse contexto, o *Bildungsroman* descreve a jornada do herói em busca de sua identidade e propósito na vida.

A relevância do *Bildungsroman* transcende fronteiras culturais e épocas, tornando-o um tema de grande importância nos estudos literários. Esta forma de narrativa oferece uma lente fascinante através da qual acadêmicos podem examinar questões profundas relacionadas ao desenvolvimento humano, à sociedade, à formação da identidade, à crítica social, à evolução literária e à linguagem narrativa. Sua natureza profundamente introspectiva e a capacidade de refletir questões universais fazem deste gênero uma rica fonte de análise e exploração para estudiosos e entusiastas da literatura.

Paralelamente, as revistas *pulp*, assim chamadas devido ao papel de polpa em que eram impressas, desempenharam um papel fundamental na democratização do acesso à literatura. Graças ao seu modo de impressão, essas revistas eram consideravelmente mais baratas, sendo acessíveis a um público mais amplo e permitindo que leitores antes excluídos de tais materiais pudessem se deliciar com histórias emocionantes e, muitas vezes, visionárias. É importante destacar que muitos autores renomados, como Robert E. Howard (criador de Conan, o Bárbaro), Ray Bradbury (autor de "Fahrenheit 451"), Edgar Rice Burroughs (criador de John Carter) e H.P. Lovecraft, tiveram inícios de carreira nas páginas das revistas *pulp*. Apesar da sua popularidade, historicamente, essas revistas também foram estigmatizadas e rotuladas como "literatura barata", o que afetou a percepção da academia pela ficção científica. Entretanto, os esforços de muitos estudiosos do gênero fizeram com que sua imagem hoje seja muito mais reverenciada.

No tocante ao nosso objeto de pesquisa, notamos uma carência de estudos acadêmicos que explorem a conexão entre a teoria do *Bildungsroman* e a obra *O homem bicentenário*, de Isaac Asimov. Esta lacuna indica uma oportunidade valiosa de análise literária, particularmente em relação a uma obra tão significativa do autor. Além disso, há um profundo

interesse por parte do autor deste trabalho para com as obras de ficção científica, especificamente pelas obras do Asimov. Com isso, o objetivo geral deste trabalho é identificar aspectos do *Bildungsroman* na obra *O homem bicentenário*, de Isaac Asimov.

No primeiro capítulo, o objetivo é traçar um parâmetro do gênero romanesco *Bildungsroman*, elencando aspectos que são aplicáveis à obra analisada. Será dividido em dois subtópicos. No primeiro, será abordado a origem do gênero, e toda sua conceitualização inicial, e no segundo será tratado mais sobre o gênero na contemporaneidade. Neste capítulo, autores como Rousseau (1979), Bakhtin (2000), Moretti (2020), Maas (2000), Lukács (2000), Mazzari (2018), dentre outros, são trazidos para compor os pensamentos do que é e o que veio a se tornar o *Bildungsroman*.

No segundo capítulo, estabelece uma análise abrangente da vida do autor, pontuando fatos retirados da sua autobiografia que contribuíram para sua formação de escritor. Neste momento, a preocupação é em expressar um retrato de Isaac Asimov, abordando desde sua origem, até o início de sua carreira literária. Nesse contexto, são exploradas suas influências do pós-guerra e das revistas *pulp*, além do panorama de sua escrita, com ênfase nas principais obras que compuseram sua trajetória.

No terceiro capítulo da presente pesquisa, empreende a análise a fim de uma compreensão mais aprofundada dos aspectos teóricos relacionados ao *Bildungsroman* em conjunto com a obra *O homem bicentenário*. Ressalta-se, igualmente, a identificação e exame de passagens que se alinham às características intrínsecas desse subgênero. O protagonista será analisado, sendo enfatizado o contexto familiar e social no qual está inserido. Dentre os elementos abordados, destaca-se a necessidade de se tornar humano e a busca do protagonista pela própria liberdade. Junto a isso, a obra ainda traz uma discussão sobre as questões do que é homem e máquina que na obra nos faz refletir.

O projeto de conclusão de curso, desenvolvido no curso de Letras Língua Inglesa da Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras, surge primeiramente das minhas leituras pessoais, percebendo a partir da leitura da obra a possibilidade da análise proposta. Outrossim, é importante atribuir uma "fortuna crítica" adequada a uma obra que merece destaque na literatura de ficção científica e na compreensão mais ampla do *Bildungsroman* como um gênero literário universalmente relevante.

Este estudo busca, portanto, lançar luz sobre a jornada de amadurecimento e aprendizado do protagonista Andrew Martin em *O homem bicentenário*, analisando-a à luz dos princípios do *Bildungsroman* e contribuindo para uma compreensão mais profunda e apreciativa dessa obra singular de Isaac Asimov.

## 1. O GÊNERO *BILDUNGSROMAN*

### 1.1 O *BILDUNGSROMAN* E SEUS ASPECTOS CONSTITUINTES

O *Bildungsroman*, também conhecido por romance de formação, é uma variante do gênero romanesco que se trata, acima de tudo, de isolar o princípio determinante da formação do homem (Bakhtin, 2000, p. 236). Em outras palavras, o gênero literário conta a história de um personagem que passa por um processo de amadurecimento e aprendizado, geralmente de uma idade jovem a idade adulta, descrevendo a jornada do herói em busca de sua identidade e propósito na vida. Com isso, é estabelecido que esta categoria de romance apresenta o desenvolvimento como pessoa de um sujeito, partindo muitas vezes de uma posição desfavorável para outra próspera.

A origem do gênero se deu na Alemanha, predominantemente pela sua burguesia. Deve ser levado em conta que “as historiografias literárias originaram-se, sem exceção, do projeto romântico de construção de uma identidade nacional” (Maas, 2000, p. 12). Com isso, a concepção do gênero se deu por meio de um esforço da classe social burguesa em construir uma imagem nacionalista expressivamente alemã através da literatura. Por esse motivo, o *Bildungsroman* foi compreendido como um fenômeno “tipicamente alemão”, capaz de expressar o “espírito alemão” em seu mais alto grau.

O termo *Bildungsroman* foi dado pelo professor de filologia clássica Karl Morgenstern (1770-1852) em 1810. A expressão foi feita por um processo de justaposição, onde foi feita a junção das palavras *Bildung* (formação) e *Roman* (romance), que estão ligados a dois princípios fundamentais no estabelecimento das instituições da classe burguesa. Cada um dos dois termos traz em si um complexo entrelaçamento de significados, que só são possíveis de serem compreendidos por meio de uma investigação histórica (Maas, 2000, p. 13). A questão da formação do indivíduo, do aperfeiçoamento como pessoa, da ascensão social, eram fatores que influenciaram a sociedade alemã da época, e que de certa forma contribuíram para a construção de uma “cidadania” do gênero romance. A pesquisa de Morgenstern surgiu a partir da obra “Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister”, escrita pelo autor alemão Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832).

A história de Goethe traz em si aspectos que vieram a se tornar marcos na concepção do *Bildungsroman*. O autor foi um dos escritores mais importantes da literatura alemã e uma figura influente no movimento literário do romantismo. Sua obra narra a jornada de autodescoberta e amadurecimento do protagonista Wilhelm Meister, um jovem burguês que,

insatisfeito com sua vida e buscando sua verdadeira vocação, embarca em uma série de experiências e encontros que o moldam como indivíduo. O texto aborda temas profundos, como a busca da identidade, a relação entre a arte e a vida, o amor e o destino. Conforme Wilhelm amadurece, ele passa de um jovem idealista e sonhador para um adulto que encontra seu lugar no mundo.

Segundo Mazzari, formar-se "significa tanto aprender coisas novas quanto relativizar e redimensionar o já sabido; significa não considerar valores ou princípios como dogmas, e sim colocá-los à prova na realidade com espírito aberto" (2018, p. 19). O livro também explora questões filosóficas, estéticas e sociais da época em que foi escrito, refletindo a evolução do protagonista à medida que ele se torna um indivíduo mais completo e compreensivo.

Sobre esse processo de desenvolvimento na obra do Goethe, Mazzari (2018, p. 17) afirma:

Mas de que modo o conceito e o ideal de “formação”, tal como concebido no período clássico, são integrados por Goethe ao enredo romanesco? Cumpre assinalar, em primeiro lugar, que “formação” não é um mero sinônimo para “cultura”, “instrução”, “erudição” etc. Buscar sua “formação” significa também buscar uma desenvoltura nos assuntos mundanos, fazer novas experiências, aproximar-se o máximo possível de uma (sempre inatingível, porém) “maestria de vida”. “Formação” não significa, portanto, apenas adquirir novos conhecimentos, mas também redimensionar o já sabido, passar em revista, criticamente, as opiniões, os juízos e “pré-juízos”, conceitos e “pré-conceitos”e, desse modo, estar inserido num processo de contínuas transformações.

Apesar da pesquisa de Morgenstern ser reconhecida como a primeira a se tratar sobre o gênero, e ter dado origem ao nome que conhecemos hoje, ela não conseguiu trazer as discussões sobre o *Bildungsroman* para a área acadêmica. É apenas no final do século XVIII que o gênero deixa o caráter de literatura de má qualidade e passa a ser considerado academicamente relevante, a partir da obra do filósofo idealista Wilhelm Dilthey (1833-1911). Publicada como *Das Leben Schleiermachers* (A vida de Schleiermachers), a obra introduz o uso do conceito *Bildungsroman* na discussão acadêmica mais abrangente, e estabelece a conexão direta entre o termo e o romance de Goethe (Maas, 2000, p. 14). Foi a partir do trabalho de Dilthey que o gênero é classificado como expressão tipicamente alemã. Sobre isso, destaca-se que:

Dilthey contribuiu decisivamente para a associação do *Bildungsroman* ao "conceito alemão de humanidade", a um caráter nacional específico, dando origem à bem-sucedida fortuna crítica que compreende o *Bildungsroman* como um fenômeno particular, especificamente alemão, gerado sob as condições de individualismo excessivo e de alheamento político da nascente burguesia culta na segunda metade do século XVIII (Maas, 2000, p. 48-49).

Dilthey determina alguns aspectos inerentes ao gênero, advindos da obra do Goethe. O enredo de um livro do gênero está voltado para a particularidade do indivíduo. A representação da burguesia alemã é forte, e temos sujeitos totalmente presos em suas realidades, com visões altamente individuais. Questões além da sua realidade são alheias a sua vivência, e quando percebidas, causam conflitos que abrirão caminho para o amadurecimento da personagem. A história deve mostrar a maneira pela qual o sujeito passa por diferentes experiências de vida, que no fim o fazem se encontrar consigo mesmos e o tornam consciente de sua missão na terra. Além disso, Dilthey conecta o romance de Goethe ao ideal de melhoria da condição humana:

Dilthey relaciona ainda o romance de Goethe ao ideal de aperfeiçoamento humano. Tal articulação, construída sobre as bases idealistas do espírito de época e do entrelaçamento entre vida e obra, tornou-se peça chave para a tradição crítica do Bildungsroman, influenciando as abordagens e definições que se seguiram (Maas, 2000, p. 14).

A representação social da Alemanha foi vista por Morgenstern como o percurso exemplar, como a trajetória arquetípica a ser cumprida pelos filhos da incipiente burguesia alemã em busca de legitimação e reconhecimento político (Maas, 2000, p. 20). Dessa forma, fica evidente essa ligação direta do gênero com a classe dominadora alemã da época, e também como desde a sua idealização, o *Bildungsroman* foi primeiramente associado à trajetória ideal para ascensão social burguesa. A obra de Goethe é considerada precursora do gênero também por influenciar várias publicações importantes da literatura mundial que viriam depois, como *David Copperfield* (Charles Dickens, 1850), *Retrato do Artista Quando Jovem* (James Joyce, 1916) e *O Apanhador no Campo de Centeio* (J.D. Salinger, 1951).

Melitta Gerhard (1891 - 1981) dirige a compreensão do gênero como manifestação exemplar do "individual-universal". Ela introduz no discurso crítico o termo *Entwicklungsroman* (romance de desenvolvimento), originado do *Bildungsroman*, que compreendendo todas as obras narrativas que abordam o desafio do embate entre o indivíduo e a realidade de sua época, seu desenvolvimento progressivo e sua capacidade de se ajustar ao mundo, sempre que seja possível identificar as bases e metas dessa trajetória (Maas, 2000, p. 49). Assim sendo, sua definição propõe uma forma literária de significado mais generalizado, das quais as delimitações se desprendem um pouco das circunstâncias históricas, e se aproximam mais do "significado poético simbólico" do processo representado, o que possibilitaria a concepção da existência do gênero para além das questões nacionalistas e históricas alemãs.

Alinhado as ideias de Gerhard, Ernst Ludwig Stahl (1802-1861) identifica como principal característica temática do *Bildungsroman* "a idéia do vir-a ser" (*die Idee des Werdens*), a qual está associado com a sua época. Os anseios emocionais e os parâmetros ideais de formação do indivíduo daquele período influenciaram diretamente os autores na escrita de suas histórias. Assim sendo, Stahl afirma que "os escritores não mais criam a partir da própria inspiração. Eles dependem, em sua maioria, dos pensadores de seu tempo, pertencem a tendências, representam as concepções da época" (Maas, 2000, p. 51). No que diz respeito aos pensadores, esses eram figuras que influenciavam a sociedade na época na totalidade, seja na área filosófica com o iluminismo de Immanuel Kant, seja na área pedagógica com reformas educacionais de Basedow e Pestalozzi.

A partir dos anos 80 do século XX o conceito *Bildungsroman* começou a ser examinado criticamente, inclusive em relação às suas interpretações de origem. As definições do gênero feitas por Morgenstern, Dilthey, Gerhard e Stahl constituem o ponto de partida fundamental a partir do qual serão desenvolvidas as futuras interpretações desse conceito. Os elementos distintivos identificados por esses quatro autores podem ser identificados e replicados nas interpretações subsequentes, revelando que estas têm poucas discrepâncias entre si ou em relação às definições originais.

Um ponto a se considerar é que, antes mesmo da concepção do gênero, já existiam autores preocupados com a questão do desenvolvimento humano. Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) publicou em 1762 o livro "Emílio ou da Educação", visando a elaboração de uma nova sociedade com base na sua abordagem educacional. Esta obra é um dos textos mais influentes na história da pedagogia e da filosofia da educação e teve um impacto significativo nas discussões sobre a educação infantil e a natureza humana, uma vez que a educação é fator determinante no processo de desenvolvimento humano.

Outro autor relevante que abordou temas similares foi o filósofo Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831). Ele via o *Bildungsroman* como uma expressão literária desse desenvolvimento. Ele argumentava que a formação (*Bildung*) do indivíduo retratada nos romances refletia as mudanças sociais e culturais que estavam ocorrendo na Alemanha durante o período em questão. Além disso, ele também via o gênero como uma forma de literatura que promovia valores e ideais da classe dominante alemã da época. Os personagens e as histórias desses romances frequentemente encarnavam as virtudes e aspirações da burguesia educada, que estava se tornando cada vez mais influente no século XVIII e XIX. Sua análise oferece uma perspectiva interessante sobre como a literatura estava conectada ao contexto histórico e social da Alemanha durante esse período crucial da história europeia.

Jürgen Jacobs, em seu livro de 1989 sobre o *Bildungsroman*, aborda pontos sobre o gênero para não defini-lo como algo delimitado como os outros romances, mas sim abrangendo sua concepção a partir da sua generalidade e flexibilidade, mostrando ser capaz de compreender uma grande diversidade em seu conceito. De acordo com seu estudo:

Devem ser consideradas como pertencentes ao gênero obras em cujo centro esteja a história de vida de um protagonista jovem, história essa que conduz, por meio de uma sucessão de enganos e decepções, a um equilíbrio com o mundo. Esse equilíbrio é freqüentemente descrito de forma reservada e irônica; entretanto, ele é, como meta ou ao menos como postulado, parte necessariamente integrante de uma história da "formação" (JACOBS, 1989, p. 37, *apud* MAAS, 2000, p. 62).

Assim como essa definição do autor, Jacobs considera algumas características que são inerentes ao gênero. O protagonista deve apresentar certa noção da sua trajetória. No caso, seu percurso não é algo aleatório, e sim um processo de amadurecimento. Os acontecimentos influenciam na sua autodescoberta e o ajudam a se orientar no mundo. Outro fator é sobre seu objetivo de vida, que por regra é determinado pelas suas vivências. Enganos e conclusões equivocadas serão feitas pelo protagonista, e cabe a ele corrigi-las no decorrer do seu processo de desenvolvimento. Além disso, dentre algumas das experiências tipicamente vividas pelo herói do gênero, estão a separação da casa paterna, a atuação de mentores e de instituições educacionais, o encontro com a esfera da arte, experiência em um campo profissional e eventualmente também contato com a vida pública e política.

Desse modo, torna-se evidente a preferência por atributos essencialmente relacionados ao conteúdo em vez dos relacionados à forma. Em vez de servirem como elementos distintivos, as características formais são simplesmente uma manifestação decorrente do conjunto de temas e conteúdos, não contribuindo, portanto, para a formação de seu *corpus*.

Essa importância do mentor no desenvolvimento do herói é reforçada por Oliveira, afirmando que “o homem crescendo num mundo com todas as suas variadas influências é diretamente orientado por meio da influência de um ou mais mentores” (Oliveira, 2013, p. 17).

Mais recentemente, críticos literários como Franco Moretti têm argumentado que o *Bildungsroman* é um gênero em constante evolução e transformação, que reflete as mudanças históricas e culturais na sociedade. Eles enfatizam que o *Bildungsroman* não é apenas uma forma de contar histórias, mas também uma maneira de explorar questões sociais, políticas e culturais mais amplas. O gênero literário é notável pela sua estrutura narrativa que coloca o protagonista como o elemento constante e imutável da história, enquanto todos os outros aspectos, como enredo e composição, são considerados variáveis. Neste tipo de romance, a

jornada do herói é o fio condutor que tece a trama, e é por meio dessa jornada que o personagem principal cresce e se desenvolve. Os acontecimentos retratados no *Bildungsroman* têm o poder de mover o personagem de maneira dinâmica, ora o aproximando de seu objetivo, ora o afastando, criando assim um enredo rico e emocionante que reflete a evolução do protagonista ao longo da narrativa.

## 1.2 O *BILDUNGSROMAN* NA CONTEMPORANEIDADE

O autor Franco Moretti, na sua obra “O Romance de Formação”, aborda vários aspectos do gênero aqui discutido. Segundo ele, um dos aspectos da obra de Goethe que foi mais decisivo para influenciar outros autores, em especial Thomas Mann (1875-1955), foi a de tornar a realidade cotidiana interessante (Moretti, 2020, p. 5). Com isso, a narrativa não traz grandes reviravoltas, mas sim um retrato atrativo dos desenlaces corriqueiros do protagonista, fazendo com que a leitura do romance seja de forma menos acalorada, mas não menos envolvente. Outra característica da narrativa é que ela está pouco preocupada em retratar o contexto histórico da época em que foi escrita (Moretti, 2020, p. 8), sendo a esfera privada do personagem aquilo que realmente interessa. Isso faz com que o enredo aconteça pela perspectiva do protagonista, não se fixando em personagens secundários ou tópicos como política. Em outras palavras, o enredo assimila a história, mas a mantém a uma distância segura, separando o destino do indivíduo das grandes ondas coletivas, como a revolução industrial e o cartismo (Moretti, 2020, p. 8).

Os heróis do gênero *Bildungsroman* são fundamentalmente jovens, e isso é uma de suas marcas devido ao gênero está ligado à simbologia da modernidade. Conforme Moretti (2020, p. 20), “A juventude é, digamos, a modernidade em estado puro, sinal de um mundo que busca o seu sentido no futuro em vez de buscá-lo no passado”. Moretti (2020, p 21) acrescenta que:

Juventude, podemos acrescentar, como determinação substancial, fundamental desses heróis. Também Orestes, de Ésquilo, era jovem: mas tal característica continha um quê de acidental e secundário — ser filho de Agamêmnom, por exemplo, era imensamente mais significativo do que ser um jovem. Mas no final do século XVII as prioridades se invertem, e aquilo que torna Wilhelm Meister e os seus sucessores representativos e interessantes é, em boa medida, o mero fato de serem jovens. A juventude — as diversas juventudes do romance europeu — torna-se, assim, para a cultura moderna, a idade que concentra em si o “sentido da vida”: é a primeira coisa que Mefistófeles oferecerá a Fausto.

A juventude é intrinsecamente relacionada ao *Bildungsroman* por ser justamente um período da vida onde o ser humano sofre constantes influências, causando assim diversos

processos de amadurecimento emocional, que fazem com que o indivíduo venha a maturidade plena. Tem-se consciência que esse processo não é ao longo de uma vida toda, uma vez que “a juventude não dura para sempre” (Moretti, 2020, p 24). Com isso, o que a constitui como forma simbólica do gênero literário não é mais o espaço que o herói ocupa, mas sim o vínculo temporal do inevitável fim do período da juventude, isso associado à própria concepção de mudança dos indivíduos da época.

Essa fala de Moretti, apesar de ressaltar uma das marcas do *Bildungsroman*, peca em aproximar o gênero à contemporaneidade, uma vez que o processo de amadurecimento não ocorre apenas na juventude, e não se encerra quando o indivíduo atinge uma certa idade. O ser humano passa por um processo de desenvolvimento que parte da sua gênese até o seu finamento. Portanto, afirmar que o processo de amadurecimento se dá apenas na juventude é excluir uma parte considerável da vida de muitos indivíduos.

Focando agora em outro aspecto, Moretti (2020, p. 22) traz o *Bildungsroman* como “forma simbólica” da modernidade. Uma imagem da modernidade, que aqui são as inquietações da juventude, é vinculada a um signo sensível, sendo esse a própria juventude. A modernidade é tomada como um processo admirável e arriscado, feito de desilusões e grandes esperanças. Conseguimos encontrar especificamente esse ponto na obra aqui analisada *O homem bicentenário*. Aqui, podemos considerar a modernidade como o contexto no qual o enredo se trata. A realidade da convivência dos homens com máquinas, e num espectro micro, a realidade da convivência do protagonista robô com os humanos do seu convívio. Moretti ainda traz, pelas palavras de Marx, a modernidade como “revolução permanente” (2022, p. 23). As vivências depositadas na tradição são um fardo a ser desvencilhado, e por isso que são podem ser identificadas em outro período da vida a não ser na juventude. Voltando-se novamente a obra analisada, temos o herói que quer a todo custo se desvencilhar dessas tradições para realizar o seu desejo de atingir sua maturidade completa.

Ainda de acordo com Moretti (2020, p. 9), o romance de formação posiciona-se também no ponto de passagem entre duas classes sociais, uma vez que outro aspecto do gênero é retratar essa migração de classe, partindo de uma mais pobre para uma com mais status e poder aquisitivo. Seja por meio do trabalho, dos estudos, ou do ganho monetário, o protagonista de um romance de formação busca essa ascensão.

Moretti argumenta que o gênero está intrinsecamente ligado ao seu contexto de origem, ou seja, o *Bildungsromane* está tão ligado à Alemanha de Wilhelm Meister e a obra de Goethe, que o torna característico particularmente daquele universo (Moretti, 2020, p. 12).

Segundo ele, o romance de formação é concedido às obras que basicamente se aproximam dos elementos presentes na obra original.

Lukács, em seu livro “Teoria do romance”, acrescenta que todo romance de formação é essencialmente biográfico (Lukács, 2000, p. 77). Ele fala também sobre o gênero (chamado por ele de romance de educação) ter essa característica de firmar o enredo desde a problemática inicial do herói até o fim da sua jornada, que pode ser ou não sua morte. Ele enfatiza o cunho biográfico que o gênero tem por girar em torno das subjetividades do protagonista. Lukács também discute sobre a jornada interior do personagem, e como ela se desenvolve através de seus pensamentos, emoções, dúvidas e anseios. À medida que o personagem cresce, ele enfrenta conflitos internos e externos que o ajudam a descobrir quem ele é e quem ele quer se tornar.

Outro tópico acerca do gênero literário que vale a pena abordar é a questão antípoda entre felicidade e liberdade. De acordo com Moretti (2020, p. 25):

Um contraste igualmente drástico emerge da tradução das retóricas narrativas opostas, nos termos da história das ideias. Sob essa luz, descobre-se que o enredo do *Bildungsroman* clássico propõe como valor supremo a “felicidade”, mas ao fazer isso avilta e anula o valor da “liberdade”, enquanto Stendhal, do seu lado, desenvolve com igual radicalismo a escolha inversa. Da mesma maneira, o fervor balzaquiano da mobilidade e das metamorfoses termina com a supressão do próprio sentido da identidade individual, enquanto para os ingleses, a centralidade desse valor gera, com igual fatalidade, uma verdadeira repugnância pela mudança.

Dessa forma, Moretti comenta que não há coexistência entre os dois elementos em um enredo do *Bildungsroman*. Schiller e Goethe já diziam que a felicidade é o oposto da liberdade. Muitas vezes, o herói precisará renunciar a um para conquistar o outro. Levando em conta que felicidade é algo subjetivo, temos a problemática do que é considerado para a personagem felicidade. Sobre isso, Moretti argumenta que “a felicidade do *Bildungsroman* é sintoma subjetivo de uma socialização que se cumpriu objetivamente; não há por que pôr em discussão nem uma, nem a outra. Invertendo as palavras de Furet: a felicidade é um fim, não um nascimento” (Moretti, 2020, p. 39).

Outro aspecto que vale a pena comentar é a influência do trabalho no processo de desenvolvimento do herói. Moretti comenta que “o processo de formação-socialização é colocado ostensivamente fora das atividades do trabalho, não sendo através do ofício que o indivíduo se forma.” (Moretti, 2020, p. 41). Ou seja, o trabalho pode ser um instrumento que proporcione mudanças na vida do personagem, como, por exemplo, ascensão social, mas não será através dele que o processo de desenvolvimento se desenrolará.

Como dito anteriormente, muitos autores associam fortemente o romance de formação com seu período de surgimento através da obra de Goethe. Entretanto, conseguimos perceber de forma significativa que vários aspectos do gênero saíram do âmbito da literatura, e podem ser encontrados facilmente em outros produtos culturais, como filmes e videogames. Com relação ao que é considerado romance de formação atualmente, que foi visto, o conceito se expandiu para além das páginas do livro. Outras formas narrativas aderiram a alguns aspectos do gênero, como a busca pelo conhecimento, identidade e processo de amadurecimento. Obras contemporâneas como *O homem bicentenário* retratam fielmente os anseios pelo amadurecimento antes vistos em *Wilhelm Meister*.

## **2. O MESTRE DA FICÇÃO CIENTÍFICA, ISAAC ASIMOV**

Conhecido por seus romances sobre robôs e contos que mostram as problemáticas das relações homem-máquina, Isaac Asimov nasceu numa família judaica na então República Soviética da Rússia, em 1920. Oficialmente, ele nasceu com o sobrenome “Ozimov”, entretanto, fugidos da guerra civil russa, com apenas dois anos, ele e sua família se mudaram para Nova Iorque, e lá adotaram o sobrenome “Asimov”. Na sua autobiografia *I, Asimov: a memoir*, Asimov conta que se considera um americano, não representando a comunidade judaica a qual ele nasceu.

A vinda para um novo país não foi assim tão pacífica. Foi mediante a um convite feito pelo meio-irmão da sua mãe que eles decidiram se mudar para Nova Iorque. Para Asimov, a adaptação foi rápida devido a ele ser criança. Logo aprendeu sozinho a falar inglês, e descobriu que podia aprender rapidamente qualquer coisa. Infelizmente não foi o que aconteceu com seus genitores, e em particular o seu pai. Na Rússia, eles tinham uma vida relativamente estável devido ser de uma família próspera de comerciantes. Entretanto, na América, Judah Asimov era só mais um imigrante que não conseguia usar fluentemente a língua local. Enquanto no seu país ele era um homem culto, no novo lar ele se sentia praticamente um analfabeto. Por muito tempo, ele trabalhou em diversos serviços, até que após três anos juntando dinheiro, ele conseguiu abrir uma bomboniere, que como veremos a seguir, foi um lugar que veio a ser de grande influência para a formação do escritor.

Sua família nunca foi afortunada financeiramente, mesmo após o estabelecimento ter sido aberto. E por conta de toda a repressão que vinha sofrendo por ser imigrante, o pai de Asimov então fez o possível para o filho se desenvolver naquele novo país. Asimov tinha um passe para biblioteca, onde ele pegava livros emprestados constantemente. Ele lia as mais

diversas obras, que iam desde a *Iliada*, até livros históricos. Na sua autobiografia, Isaac Asimov diz que se considerava um *bookworm*, termo usado para definir alguém que lê muito. Preferia estar lendo livros ao invés de se encontrar com pessoas, e isso lhe trazia uma felicidade tamanha. Apesar disso, ele se considerava também uma pessoa bem extrovertida. Na escola, ele era o terror de qualquer educador. Por ler muitos livros, havia muitos assuntos dados pelos professores que ele já havia tido contato previamente. Era muito fácil para ele ser o melhor da turma. Então, ele gostava de atormentar a vida dos seus mestres, provando que eles estavam errados.

Ainda sobre sua autobiografia, Asimov na sua juventude começou a trabalhar na bomboniere. Isso fazia com que ele não conseguisse se matricular em nenhum curso extracurricular, apesar disso, ele tem apreço por esse período porque foi quando ele teve contato com suas principais inspirações como autor, pois seu pai o proibiu veementemente de ler qualquer coisa que não fosse retirada da biblioteca. Porém, na bomboniere havia algumas revistas que eram consideradas como “literatura barata”, as famosas revistas *pulp*.

Particularmente, esse tipo de revista não trazia em seu conteúdo um tema específico. Eram histórias que podiam ser de faroeste, esportes, ou fantasia. Por serem consideradas “histórias baratas”, seu pai não o autorizava a lê-las, apesar de ele mesmo ler algumas com a desculpa de que precisava melhorar o seu inglês. Quando as revistas começaram a aparecer indicadas como do gênero de ficção científica, Asimov aproveitou para usar essa expressão como justificativa para seu pai de que estava lendo algo científico. Só assim ele começou a ser autorizado a ler tais revistas, e depois disso não parou mais.

Vale salientar que as revistas *pulp* eram voltadas para as massas, e por conta desse público-alvo abrangente, elas eram consideradas com pouquíssimo valor literário. Muito do estigma dessa época reflete em cima da literatura de ficção científica, rebaixando seu valor acadêmico no âmbito da literatura. Histórias riquíssimas que, por terem sido publicadas em tais revistas, não recebem a relevância devida. No entanto, a ficção científica está cada vez mais presente no espaço acadêmico. Sobre isso, o autor Adam Roberts, no seu livro “A Verdadeira história da ficção científica” argumenta:

Vista com certo preconceito durante muito tempo por setores da crítica literária e do mundo acadêmico, a FC foi, nas últimas décadas, reavaliada positivamente nesses ambientes. Já se reconhece sem hesitações seu papel como laboratório de novas ideias, de novas concepções a respeito da tecnologia e da sociedade humana, bem como de expressão artística dos mesmos mitos milenares que inspiraram a literatura erudita (Roberts, 2018, p. 14).

Apesar de ter sido aficionado por essas histórias sci-fi, não foi nesse gênero que ele começou a desenvolver sua escrita. Segundo a sua autobiografia, com 11 anos ele sentiu vontade de registrar todos aqueles livros que ele lia da biblioteca para poder ler depois, porém desistiu da ideia com muito pouco tempo. Sua vontade de escrever era tanta, que ele sentia uma necessidade de escrever histórias. Foi assim, com tão pouca idade, que começou os primeiros escritos.

Seus primeiros escritos não eram enredos completos, e sim várias prosas inacabadas. Quando começou a se interessar pela ficção científica, foi quando sua escrita deslanchou. Suas principais referências para suas produções eram os avanços tecnológicos do pós-Segunda Guerra Mundial. Então, é muito fácil encontrar em suas publicações da época temas sobre o desenvolvimento de computadores, o início da exploração espacial, e o conceito de robôs. Ele submeteu várias de suas histórias para a *Astounding Science Fiction* (ASF), revista do gênero de ficção científica da época, e algumas foram publicadas.

Em 1941, ele já possuía 15 histórias publicadas, dentre elas algumas hoje muito conhecidas pelos leitores de FC, como *Robbie*, *Reason* e *Liar!*. Porém, tudo mudou, quando a partir de uma conversa com um amigo, surge a seguinte indagação: o que aconteceria se as estrelas resolvessem aparecer por uma noite a cada mil anos? Com essa temática, Asimov escreve a tão premiada publicação de “*Nightfall*”, umas das suas histórias mais famosas, e tida como uma dos clássicos do gênero. A trama da obra se desenvolve em um mundo em perpétua luz que experiencia a escuridão uma vez a cada mil anos. Foi sua primeira capa da revista ASF, e depois dela, seus escritos nunca mais foram recusados, fazendo com que em pouco tempo ele alcançasse um patamar de sucesso dentre os escritores de FC.

Em 1975, uma jovem mulher foi até Asimov solicitar uma história. Ela queria algo que fosse relacionado a comemoração do bicentenário da independência dos EUA, sugerindo o título *O homem bicentenário*. Não importava qual fosse a ligação da trama com o título, desde que o tivesse. Então, Asimov escreveu uma história de um robô que queria ser um homem, e que trabalhou 200 anos para realizar seu desejo. Essa mulher que solicitou essa história era Judy-Lynn del Rey. Quando se conheceram, Judy era uma editora associada da revista *Galaxy*, e o seu trabalho era conhecer os escritores de FC. Logo ela se tornou editora chefe do conglomerado Random House, estabelecendo junto de seu marido o selo de qualidade “Del Rey Books”.

Quando a história foi solicitada, Asimov estava escrevendo uma antologia de contos de robôs para outra editora, e quando terminou a escrita, Asimov vendeu a história. Judy ficou irada quando descobriu que a história a qual ela tinha tido a ideia não iria ser publicada por

ela. Asimov entregou o carbono para ela ler, e apesar de estar com raiva, ela adorou o texto. Com a criação das três leis da robótica nessa história, ele assume quase que um papel formador desses seres na Literatura. Após isso, Asimov retoma os direitos da história e a publica na editora de Judy, numa antologia editada por ela mesma.

Durante toda a sua carreira, Asimov foi bastante premiado. Sua obra-prima *Fundação*, composta de 7 volumes, foi amplamente reconhecida, recebendo um total de seis prêmios Hugo, alguns deles reverenciando a obra num geral. O romance *The Gods Themselves* (Os Próprios Deuses) é a única história do autor a receber o prêmio Nebula e Hugo de melhor romance em 1972 e 1973, respectivamente. Já *O homem bicentenário* também recebeu o prêmio Nebula e Hugo de melhor noveleta em 1977.

O prêmio Hugo é uma premiação anual que acontece desde 1953, premiando os melhores trabalhos e escritos de fantasia ou ficção científica. Ele é uma homenagem ao Hugo Gernsback pela criação da revista *Amazing Stories*, pioneira em publicar histórias de ficção científica. Assim como ele, o prêmio Nebula é concedido anualmente desde 1966 aos melhores trabalhos de ficção científica/fantasia publicados nos Estados Unidos.

Isaac Asimov foi pioneiro no que ele chamou de “ficção científica social”. Nesse subgênero, o conflito dá lugar às problemáticas de se ter uma sociedade onde há uma relação entre humanos e robôs. As questões éticas e sociais dessa relação fazem com que o leitor reflita bastante sobre um futuro onde talvez isso realmente aconteça. Humanos e robôs juntos num só sistema social. Ele escreve sobre a existência de robôs conscientes, que vivem entre seres humanos, que são conhecedores da sua identidade, e como isso influencia nas convenções sociais entre esses dois seres.

### 3. O HOMEM BICENTENÁRIO PELA ÓTICA DO *BILDUNGSROMAN*

#### 3.1 ENREDO INICIAL DA NOVELA

Como foi visto no primeiro capítulo, o *Bildungsroman* é um gênero literário que foi fruto de um esforço para formalizar uma identidade alemã naquela época. Com o passar das décadas, o gênero foi sofrendo alterações no que diz respeito a sua caracterização, e acima de tudo, deixou de ser algo intrinsecamente ligado à Alemanha. A obra analisada neste trabalho, *O homem bicentenário*, pode ser considerada um exemplo de obra contemporânea do *Bildungsroman*, mostrando em seu enredo diversos aspectos do gênero que serão abordados nos parágrafos seguintes.

Antes de nos aprofundarmos na análise, é importante destacar que *O homem bicentenário* é uma obra notável que transcende as fronteiras da literatura e do cinema. Publicada por Isaac Asimov em 1976 e adaptada para as telas em 1999, o livro e o filme oferecem perspectivas únicas sobre questões fundamentais da humanidade, como a busca pela identidade, a aceitação da diferença e a natureza da imortalidade. Curiosamente, embora o filme tenha recebido uma considerável atenção crítica e popular, o livro original permanece relativamente esquecido em comparação. Tanto o livro quanto o filme explora questões profundas relacionadas à natureza da humanidade, da inteligência artificial, da ética, e das implicações morais que o desejo do protagonista acarreta.

O enredo da história traz o protagonista Andrew um robô de aparência metálica e cérebro positrônico. Isso implica basicamente que suas tomadas de decisões ocorrem similares ao do homem. Porém, qualquer um que o veja saberá que ele é um autômato devido a sua aparência. Ele vive com os Martin, uma família composta pelo Sr. e Sr<sup>a</sup> Martin, e suas duas filhas. A filha mais nova é a que Andrew se afeiçoa mais. A partir dessa relação, o leitor começa a entender que Andrew tem uma consciência além das suas funções programadas. Junto a isso, vem também as emoções que ele sente que são geralmente atribuídas apenas a humanos. Isso é uma característica não só da obra em análise, mas também de outras obras do autor. Muito da sua luta durante sua existência foi de que outros seres do seu tipo pudessem coexistir entre os homens, mas com que eles ficassem sempre a mercê de tais leis que os oprimiam.

O robô tem muita afeição pela filha mais nova do seu patrão. É possível notar isso ao longo da história “[...] os efeitos que elas exerceram sobre os atos dele seriam considerados, sob a ótica de um ser humano, resultado da afeição. Andrew pensava naquilo como afeição,

pois não conhecia nenhuma outra palavra que pudesse definir” (Asimov, 2023, p. 16). Com isso, sabemos que o robô, apesar de ter sido programado para funções específicas, tinha consciência de sentimentos, demonstrando assim um traço humano seu.

Em dado momento, quando a criança mais nova se sente triste pelo camafeu ganhado pela irmã, ela dá a Andrew um pedaço de madeira e uma faca de cozinha, e o ordena que faça algo para ela. O robô então entalha um objeto para que ela também ganhe algo de presente. Após a reação positiva da garota, que Andrew chama de pequena senhorita, eles mostram o objeto ao Sr. Martin, que fica surpreso com o feito. Isso nos apresenta a descoberta de uma nova habilidade do robô, que a partir desse momento ficamos sabendo que ele é capaz de criar objetos originais entalhados a mão com designs de figuras geométricas. O robô tem consciência de que gosta de fazer isso, como afirma sua fala: “De algum modo, faz os circuitos do meu cérebro fluírem com mais facilidade. Ouvi o senhor usar a palavra ‘gostar’ e a maneira como a usa combina com a forma como me sinto” (Asimov, 2023, p. 19). Tal fala também remete a forma como crianças aprendem a identificar e nomear sentimentos.

Com a descoberta do seu talento, Andrew para de fazer aquilo que foi programado, que era servir a família, e recebe ordens para ler livros sobre design de móveis para aprender a fazer armários e mesas (Asimov, 2023, p. 18). Temos aqui uma relação direta entre a ascensão que o robô vive com a descoberta da nova habilidade, e a instrução que ele passa a ter para desenvolver essa nova aptidão. De certa forma, após essa descoberta, ele é ordenado a focar no entalhe de objetos, e através da educação que recebeu dos livros, ele aprende a entalhar novas formas, possibilitando assim desenvolvimento da habilidade, além de lhe proporcionar outra profissão.

Após ter aprendido a entalhar móveis, o Sr. Martin começa então a vender as mobílias feitas pelo robô, e os lucros eram divididos entre ele e o Andrew. É discutido durante essa passagem a possibilidade do Andrew possuir aquele dinheiro, uma vez que só humanos poderiam ter conta em banco. Entretanto, como o robô consegue assinar seu próprio nome, e como o banco permite que os papéis fossem assinados em casa, o Sr. Martin consegue deixar o montante em uma conta com o nome do robô. Esse dinheiro passa a ser legalmente de Andrew, cabendo a ele decidir o que fazer com tal renda.

Aqui temos mais um traço humano que o herói é capaz de reproduzir. Andrew consegue se passar por um humano, assinando um documento, permitindo assim que seu dono abra uma conta bancária em seu nome. Esses traços são como fragmentos que nos mostram toda essa trajetória de transformação da máquina para o homem. Assim, vemos que a transição é gradual, e começa a partir de alguns aspectos comportamentais e sentimentais.

Por ser uma máquina, com o passar dos anos, foram surgindo atualizações de peças conforme eram lançados novos modelos de autômato. O senhor dono do Andrew fez questão que ele recebesse todas as melhorias disponíveis, e o robô fazia questão de custear todo esse processo. Podemos observar aqui uma comparação com uma característica do *Bildungsroman* que é o amadurecimento do protagonista. Podemos observar esse desenvolvimento não só na questão cognitiva do robô, como também no seu corpo. Andrew recebe todas as atualizações que estão disponíveis no mercado, e posteriormente migra seu cérebro para um corpo androide, muito mais parecido com um humano. Ainda sobre essas atualizações, ele é capaz de desenvolver peças e avanços para seu próprio corpo, visando ficar cada vez mais semelhante ao ser humano.

A questão financeira é outra característica que podemos trazer do *Bildungsroman* para aplicar na obra. A ascensão aquisitiva do protagonista se deu através do seu trabalho, outro elemento marcante do gênero conforme citado por Moretti e Jacobs. Isso possibilita que Andrew em certo ponto entenda que pode usar isso para conquistar seus objetivos. Durante uma conversa com o seu dono, descobrimos o desejo do herói de ser livre, e ele fala que quer usar o seu dinheiro para comprar sua liberdade.

O Sr. Martin ficou extremamente surpreso quando Andrew chegou e pediu para comprar a sua própria liberdade. Primeiramente, porque ele não entende a necessidade do protagonista de ser livre, uma vez que suas ações e comportamentos já eram determinados por ele próprio. Há muito tempo que ninguém da família lhe dava nenhum tipo de ordem. Segundo, ele acreditava que pelo fato do robô estar trabalhando em algo que gostava, não por pressão, mas sim por prazer, ele considerava essa atitude como de alguém livre. O fato de Andrew ter permissão para trabalhar com os entalhes de madeira era considerado pelo Sr. Martin como liberdade. Ele já considerava Andrew livre, porém a liberdade que ele acreditava que existia não era aquela que o protagonista precisava.

Andrew tinha consciência de que não só pelo seu trabalho ele conseguiria atingir a sua felicidade, tanto é que decidiu comprar sua liberdade. A liberdade a qual ele deseja é subjetiva, uma vez que há muito tempo ele não recebia mais ordens, porém ele nunca deixou de ser um empregado e fazer o que tinha sido programado a fazer. De certa forma, ainda havia amarras que o prendiam à família, mantendo uma relação de poder extremamente forte que influencia seu comportamento. Isso fica evidente na linguagem utilizada principalmente pelo Sr. Martin, usando um tom autoritário sempre que quisesse: “Faça alguma coisa com isso, Andrew. Qualquer coisa que você quiser - falou o senhor.” (Asimov, 2023, p. 18).

Mesmo que eles não o dessem ordens, ele permanecia preso a esse poder que a família tinha perante ele. Ele é programado para obedecer tais falas imperativas, sendo incapaz de contrariar. Ter sua liberdade é muito importante, pois isso está diretamente ligado ao seu bem-estar. Ser considerado livre não mudaria como ele atuaria com a família. Ele continuaria os servindo, mas não por obrigação, e sim como forma de gratidão.

Nesse ponto da história, durante uma conversa entre o pai e a filha menor, pode ser observado que eles têm ciência que Andrew é um ser completamente diferente dos demais da sua mesma origem: “Não sei o que ele sente por dentro, mas também não sei o que o *senhor* sente por dentro. Quando conversar com ele, verá que Andrew reage às várias abstrações da mesma maneira que o senhor e eu, e o que mais importa?” (Asimov, 2023, p. 35-36). A partir dessa fala, conseguimos ver um argumento onde a pequena senhorita, como Andrew a chama, equipara as reações do robô com a de um humano, mostrando que ela já o considera um humano pelos seus comportamentos, ignorando a questão da sua aparência e o tendo como alguém próximo a ponto de sentir sentimentos por ele.

O Sr. Martin não poderia libertar o robô a menos que isso fosse feito legalmente, e de acordo com ele, caso a pauta acabasse em um tribunal, o resultado provavelmente não seria favorável para Andrew, e o protagonista poderia perder todo o dinheiro em seu nome. Apesar das consequências, o herói não perece, dizendo que “até a chance de ter liberdade vale o dinheiro” (Asimov, 2023, p. 36). Essa passagem nos mostra como o personagem está determinado a conquistar seus propósitos, não medindo esforços para apostar em qualquer possibilidade de os conseguir.

Um ponto importante que a obra traz e que virou referência tanto em outras obras de Asimov, como em outras histórias de FC, são as três leis da robótica. Tais leis fictícias foram criadas basicamente para proteger os humanos de algum ato danoso por parte dos robôs. De acordo com a primeira lei, um robô não pode ferir um ser humano ou, por inação, permitir que um ser humano seja ferido. A segunda lei diz que um robô deve obedecer às ordens dadas por seres humanos, exceto nos casos em que tais ordens entrem em conflito com a primeira lei. A terceira lei fala que um robô deve proteger sua própria existência, desde que tal proteção não entre em conflito com a primeira ou com a segunda lei. Muito se discute sobre a condição de liberdade ser aplicada somente para um ser humano. A questão é que todo robô fabricado segue três leis básicas da robótica, e tais leis permitem que qualquer ser humano tenha um poder soberano sobre qualquer robô.

Como Andrew tem essa consciência, ele não acha justo os humanos terem tal poder sobre ele. A fala da pequena senhorita no tribunal expressa bem a situação do herói:

Vamos entender o que significa ser livre no caso de Andrew. De certa maneira, ele é livre. Acho que faz pelo menos vinte anos que ninguém da família Martin dá a ele uma ordem para fazer algo que supostamente não faria por vontade própria. "Mas podemos lhe dar uma ordem para fazer qualquer coisa se assim desejarmos, e expressá-la de modo tão áspero quanto quisermos, porque ele é uma máquina que pertence a nós. Mas por que deveríamos fazer isso quando ele nos serviu durante tanto tempo, com tanta lealdade, e ganhou tanto dinheiro para nós? Ele não nos deve mais nada. A dívida é toda nossa." Mesmo que estivéssemos legalmente proibidos de colocar Andrew em servidão involuntária, ele ainda nos serviria voluntariamente. Torná-lo livre seria apenas um jogo de palavras, mas significaria muito para ele. Isso daria tudo para ele e não nos custaria nada (Asimov 2023, p. 38-39).

É a partir dessa conclusão, consciente de que não quer ser visto como algo que os humanos podem fazer o que quiserem, que ele convenceu o júri a considerá-lo um robô livre, como mostra no seu argumento: "Foi dito aqui, neste tribunal, que só um ser humano pode ser livre. Parece-me que apenas aquele que deseja a liberdade pode ser livre" (Asimov, 2023, p. 41). Ainda é alegado pelo seu senhor que, por Andrew estar sob as três leis da robótica, sua liberdade não é verdadeira, algo facilmente refutado pelo protagonista no trecho: "Os seres humanos não estão sujeitos a suas leis, senhor?" (Asimov, 2023, p. 44). Com isso, ele nos faz refletir sobre a nossa própria liberdade como seres humanos não ser diferente da liberdade que ele busca.

Na novela *O homem bicentenário*, observamos a notável amplitude de sentimentos que Andrew, um robô, é capaz de experimentar. Após a morte do Sr. Martin, há um momento tocante em que o herói se dirige ao neto do seu dono, George, expressando: "Seria agradável, George, se o senhor ainda estivesse..." (Asimov, 2023, p. 52). Esse momento revela a complexidade das emoções que Andrew é capaz de sentir, destacando a sua notável semelhança com os seres humanos. A evolução dos sentimentos de Andrew é um elemento central na narrativa, refletindo a sua busca por compreender sua própria humanidade e sua jornada em direção a uma identidade mais próxima da humana.

Agora livre, Andrew acredita precisar aumentar seu vocabulário, devido a cada vez mais se relacionar com humanos, e suas referências serem apenas de livros de carpintaria. O herói decide aprender mais sobre os seres humanos, sobre o mundo, e sobre os robôs, para escrever um livro. Ele quer registrar como os robôs se sentem sobre o que aconteceu com eles desde os primeiros modelos que trabalharam na terra (Asimov, 2023, p. 66-67). Uma história dos robôs, escrita por um robô. Para isso, ele vai à biblioteca da cidade, porém ele se perde, e é abordado por dois jovens que, devido às três leis da robótica, têm total controle sobre o protagonista. Eles o reconhecem devido ao seu julgamento de liberdade ter sido bastante comentado.

Conseguimos evidenciar no abuso de poder dos jovens uma situação a qual Andrew lutava muito para que não acontecesse. Sem defesas, ele é obrigado a obedecer esses humanos, que o obrigam a tirar as suas vestes, deitar no chão, ficar de ponta-cabeça, e até fazer com que ele mesmo se desmonte. O capítulo também retrata a opinião que alguns têm com relação ao robô: “Tire essas roupas. [...] É repugnante. Olhe para ele” (Asimov, 2023, p. 58).

O fato do Andrew se apresentar como ser humano utilizando roupas, vai diretamente contra a relação tradicional construída na obra entre humanos e máquinas. O homem sempre ocupou papel dominante, então a represália acontece justamente porque agora há uma máquina que quer se igualar a eles. Felizmente, o neto do Sr. Martin chega a tempo de impedir que algo de mal acontecesse com o herói.

Exploramos uma intrigante dinâmica na relação entre homem e máquina: o medo que os seres humanos sentem em relação à sua própria criação, esse temor se torna evidente quando George ameaça Andrew, mesmo ciente de que as leis da robótica o impediriam de causar qualquer dano. Quando Andrew avança em direção aos jovens, estes fogem apavorados, desencadeando uma reflexão profunda no protagonista sobre porque eles o temem.

A narrativa sugere que os seres humanos acreditam ter criado algo perfeito em Andrew, o que por sua vez os coloca em uma posição de inferioridade perante sua própria criação. Como resposta a esse medo, eles tentam manter o robô em uma posição de subordinação, como uma forma de manter o controle, esse aspecto da obra de Asimov provoca uma reflexão sobre as complexas relações entre humanos e máquinas, bem como sobre as implicações éticas e filosóficas de criar uma inteligência artificial tão semelhante à humanidade.

Após esse acontecimento, inicia-se uma nova batalha judicial para que robôs não sofram mais tais agressões por parte dos humanos. O primeiro foco foi fazer algo com a opinião pública sobre robôs. Enquanto a sociedade tivesse medo deles, eles não conseguiriam a aprovação de leis que protegessem Andrew. Durante um discurso, George profere tais palavras:

- Se, em virtude da Segunda Lei, podemos exigir de qualquer robô obediência ilimitada em todos os aspectos que não envolvam dano ao ser humano, então qualquer ser humano, qualquer ser humano tem um poder temível sobre qualquer robô, qualquer robô. Em particular, já que a Segunda Lei suplanta a Terceira Lei, qualquer ser humano pode usar a lei da obediência para contornar a lei de autoproteção. Ele pode ordenar a qualquer robô que se danifique ou até mesmo se destrua por qualquer motivo, ou por motivo nenhum. "Isso é justo? Nós trataríamos

um animal assim? Mesmo um objeto inanimado que foi de boa serventia tem direito à nossa consideração. E um robô não é insensível, não é um animal. Ele pode pensar bem o suficiente para falar conosco, argumentar conosco, fazer piadinhas conosco. Será que podemos tratá-los como amigos, trabalhar com eles e não lhes dar parte dos frutos dessa amizade, parte dos benefícios desse trabalho compartilhado? "Se um homem tem o direito de dar a um robô qualquer ordem que não envolva ferir um ser humano, ele deveria ter a decência de nunca lhe dar uma ordem que envolva prejudicar um robô, a menos que a segurança do ser humano exija isso de modo irrefutável. Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades, e, se os robôs têm Três Leis para Proteger os homens, seria demais pedir que os homens tenham uma ou duas leis para proteger os robôs? (Asimov, 2023, p. 72-74).

O discurso fez efeito, e garantiu que fosse aprovada uma lei que instituiu condições sobre as quais eram proibidas as ordens para danificar um robô. Havia várias condicionantes e as punições eram inadequadas, mas foi estabelecido o princípio. Fica claro no texto que ainda há muito a se conquistar quanto aos direitos dos robôs no universo da obra.

Andrew vai ficando cada vez mais parecido fisicamente e mentalmente com um humano. Em um dado momento da história, ele precisa que Paul, filho de George, consiga uma reunião com a empresa a qual o fabricou. Acontece que a empresa, chamada *U.S. Robots*, faz uma atualização de peças obrigatória em autômatos com mais de 20 anos. Andrew por direito possuía acesso a tal atualização, e o que ele queria era migrar seu cérebro positrônico para um corpo androide, que se parecia muito mais com um humano. Por ser bastante insultado e hostilizado por ser um autômato livre e usar roupas, essa seria uma forma de melhorar sua situação. O problema era que eles não eram mais fabricados, por serem considerados muito caros para a empresa. Entretanto, por Andrew ter direito às atualizações, após pressão e chantagem, ele consegue trocar de corpo sem precisar levar a causa aos tribunais.

Conseguimos relacionar essa migração de consciência para um novo corpo como parte do amadurecimento do personagem. Com o novo corpo, o herói passa a ocupar papel similar aos dos homens, havendo uma mudança na relação hierárquica dele para com a sociedade. Andrew precisaria agora passar por todo um processo de adaptação para conseguir voltar a ser funcional. Mesmo estando ciente disso, ele não recuou na tomada de decisão, e nem os anos de adaptação o fizeram desistir do seu desejo.

Já com o novo corpo, e sendo ele o único a ter feito tal procedimento, Andrew decide então começar a estudar a relação entre o seu cérebro positrônico com um corpo androide orgânico. Temos aqui mais uma relação entre a educação com a busca pelo autoconhecimento. Com isso, Andrew desenvolve órgãos que funcionam como os dos humanos. Seu desejo é que não só sua aparência, mas os seus costumes também sejam humanos. Um exemplo disso é que ele cria um sistema que permite que seu corpo androide receba energia da combustão de

hidrocarbonetos, ou seja, energia advinda de alimentos. Todas as suas criações futuras são patenteadas, atribuindo-lhe muito renome, porém ele ainda se doía, pois em todas as cerimônias, ele ainda era considerado um robô. Podemos ressaltar uma grande rejeição do herói pela sua própria natureza. Tal sentimento faz com que Andrew queira cada vez mais se afastar do que o constituía como robô.

Após uma expedição de cinco anos na lua, onde ele comandou uma equipe de cientistas humanos, Andrew se sente realizado, pois sua autoridade não foi contestada em nenhum momento. Com sua volta à Terra, ele recorre mais uma vez à justiça para que ele seja finalmente considerado um humano na terra. São anos na justiça para haver duas conquistas. Primeiro, independentemente da quantidade de membros artificiais que existiam no corpo humano, isso não impede que continue a ser considerado como tal. Segundo, grande parte da opinião pública é favorável a uma ampla interpretação do que é um ser humano, uma vez que não há nenhum homem vivo que não tenha próteses robóticas. Infelizmente, o tribunal mundial usa o cérebro celular orgânico como critério para determinar a condição humana, coisa que Andrew não tem e provavelmente nunca terá. Após esses acontecimentos, nos tópicos a seguir, serão abordados o desfecho da história, bem como outras análises acerca do *Bildungsroman* na obra.

### **3.2 ASPECTOS FORMATIVOS DO GÊNERO PRESENTES NA OBRA**

Andrew deseja a todo custo ser considerado humano porque ele não faz nada de diferente que um humano também faça. Vale ressaltar que as demais personagens o chamam pelo seu nome, afirmando ainda mais essa humanidade, e isso veio primeiramente da pequena senhorita. Apesar de ser considerado pelo próprio humano como um ser melhor do que ele, isso o torna algo que o homem nunca alcançará.

Sobre a narrativa da novela, conforme o que foi dito por Moretti, a história nos apresenta um recorte da vida do Andrew, retratando os seus desenlaces na busca dos seus objetivos. Acompanhamos a evolução e desventuras do herói sem perder o fôlego. Ao contrário do que foi dito por Moretti a respeito dos enredos do *Bildungsroman* não serem acalorados, a obra do Asimov apresenta uma história bastante emocionante. O relato do robô nos permite, através de uma leitura leve, refletir sobre nós mesmos, e o que nos constituem como seres humanos.

Outra característica notável do *Bildungsroman*, conceito também trazido por Moretti, é o enfoque na esfera privada do protagonista, atribuindo teor biográfico à obra. A narrativa concentra-se inteiramente em Andrew e nas percepções que ele possui em relação ao mundo.

Embora ele não seja o narrador de sua própria história, toda a trama é observada e experimentada sob a perspectiva do robô. Isso resulta em uma imersão profunda na jornada do protagonista, estabelecendo uma conexão íntima entre o leitor ou espectador e suas vivências e transformações. O enredo aborda toda a vida de Andrew, desde sua origem na família Martin até seu "falecimento" por escolha própria. Como resultado, tópicos relacionados ao funcionamento da sociedade ou à vida privada de outros personagens não recebem grande destaque. A narrativa se concentra na evolução e desenvolvimento de Andrew, proporcionando uma exploração minuciosa e íntima de sua jornada rumo à humanidade.

A jornada de Andrew envolve não apenas o aprimoramento de sua cognição, mas também sua busca constante por se tornar mais humano. Ele demonstra seu compromisso com o autodesenvolvimento ao investir recursos para adquirir todas as melhorias disponíveis. Sua decisão de migrar seu cérebro para um corpo androide, tornando-se mais semelhante a um ser humano, ilustra claramente seu amadurecimento emocional e sua busca pela identidade humana.

Além disso, o fato de Andrew ser capaz de conceber e criar peças e avanços para o seu próprio corpo evidencia seu crescimento tanto criativo quanto técnico ao longo de sua existência. Isso também reflete sua determinação em forjar sua própria identidade e se adaptar às mudanças ao longo do tempo. Em resumo, a história de Andrew é um exemplo marcante de um *Bildungsroman*, no qual o protagonista passa por um processo notável de crescimento e transformação, em busca de sua humanidade, tanto em termos de aparência quanto de essência.

Andrew durante toda a obra possui mentores que o ajudam na sua jornada para se tornar humano. Assim como foi descrito por Jacobs e Oliveira, tais mentores estão presentes em obras do *Bildungsroman*, e influenciam diretamente o protagonista no seu entendimento e no seu processo de amadurecimento. Na obra de Asimov, conseguimos apontar o Sr. Martin como o primeiro mentor do Andrew. Ele incentiva o herói a fazer os entalhes, pois é algo que ele vê que o robô gosta. Ele assegura que a empresa na qual o Andrew foi construído não modificará nada nele, e garante que ele receberá todas as atualizações disponíveis. O Sr. Martin também proporcionou que o protagonista estudasse mais sobre como fazer móveis de madeira, contribuindo assim com a prática, e também abriu uma conta bancária para que Andrew tivesse o próprio dinheiro.

Caso o Sr. Martin não tivesse realizado o papel que desempenhou e não tivesse feito as concessões que fez, é provável que Andrew jamais tivesse despertado seus próprios desejos e obtido sua liberdade. O Sr. Martin, como o proprietário de Andrew, estava em uma posição de

autoridade e, se não quisesse, poderia ter negado ao robô a concessão da liberdade. Essa dinâmica realça a enorme responsabilidade de Gerald Martin como mentor de Andrew, uma responsabilidade reconhecida pelo próprio robô, que afirma que "jamais teria sido livre sem ele" (Asimov, 2023, p. 47).

Ainda sobre mentores, uma particularidade da obra *O homem bicentenário* é que seu protagonista apresenta vários mentores durante a sua vida, e não apenas um. Após o falecimento do Sr. Martin, fica por conta do seu neto a responsabilidade de dar auxílio judicial ao Andrew. Logo depois, fica a cargo do bisneto do Sr. Martin. Após a partida de todos, os diretores do escritório Feingold & Martin passam a dar essa assistência ao herói. Por fim, temos a presidente da comissão de ciência e tecnologia Chee Li-hsing. Cada um deles abriram caminhos para Andrew conseguir aos poucos todos os seus direitos. Sem a ajuda e influência deles, o herói teria muito mais dificuldades em atingir seus objetivos.

Apontamos uma evolução comportamental do Andrew durante a história, no começo, a questão do robô ser submisso ao homem é muito abordada, então tudo o que o protagonista falava era em tom submisso. Andrew “podia ser livre, mas havia nele um programa cuidadosamente detalhado referente ao seu comportamento em relação às pessoas, e era só a passos mínimos que se atrevia a avançar (Asimov, 2023, p. 51). Os robôs nunca foram impedidos de se comunicarem de forma diferente, mas a questão serviçal estava tão intrínseca não só nos seus componentes, mas também na relação entre as partes, que tais atitudes para os robôs não eram nem possível.

Conforme Andrew foi amadurecendo, e querendo ser tratado de igual para igual, ele começa aos poucos a ter atitudes como de ter sua própria opinião sobre atitudes de outros humanos: “Ele descobriu que desaprovar os seres humanos, desde que não o fizesse verbalmente, não o deixava muito desconfortável. Podia até expressar a desaprovação por escrito. Tinha certeza de que nem sempre fora assim” (Asimov, 2023, p. 78). Mesmo com as três leis da robótica, o herói não se deixa limitar por elas, e consegue agir de uma forma que burla as leis, sendo capaz de persuadir, chantagear, e até fazer com que outros humanos mintam por ele. Andrew vive uma vida num eterno período de juventude. Por ser uma máquina, ele não envelhece. Entretanto, conseguimos acompanhar a passagem do tempo, e essa brevidade da juventude através das personagens que o permeiam:

A congressista Li-Hsing estava consideravelmente mais velha do que da primeira vez que Andrew se encontrara com ela e já não se vestia com trajes transparentes. O cabelo estava bem curtinho e sua indumentária era tubular. No entanto, Andrew ainda se agarrava, dentro dos limites do gosto razoável, ao estilo que predominava

quando adotou roupas pela primeira vez, havia mais de cem anos (Asimov, 2023, p. 140).

O robô presencia quatro gerações dos Martin, além de todas as mudanças que a sociedade sofre. Entretanto, ele segue durante toda a história sendo um ponto “imutável”. Essa imutabilidade está presente no fato da figura do Andrew ser presente em todos os capítulos da obra. Os diálogos entre outros personagens são todos sobre alguns aspectos do Andrew. Todos os acontecimentos do enredo são relacionados ao herói. Outro elemento que representa essa marca de imutabilidade do personagem são as suas roupas, que mesmo após décadas e diversas tendências de moda, ele continua usando o mesmo estilo formal de quando decidiu se vestir. O cérebro de Andrew também é um fator que representa sua existência no corpo da obra por completo, uma vez que o robô sofre fortes mudanças no seu corpo durante toda a sua vida, porém o seu cérebro, que possui a sua personalidade, não sofre nenhuma intervenção.

### 3.3 A IMORTALIDADE ROBÓTICA E A HUMANIDADE

Uma questão bastante discutida durante todo o enredo é o que constitui um humano. Andrew claramente possui diversas características, atitudes, e até um dado momento a aparência de um ser humano. Em um ponto da história, logo após a morte do Sr. Martin, Andrew decide usar roupas:

- Mas por que você quer usar calça, Andrew? - perguntou George.
- Seu corpo é tão lindamente funcional que é uma pena cobri-lo, em especial quando não precisa se preocupar nem com controle de temperatura, nem com pudor. E a roupa não cai bem, não em metal.
- O corpo humano não é lindamente funcional, George? No entanto, vocês se cobrem - retorquiu Andrew.
- Para nos aquecer, manter-nos limpos, protegidos, apresentáveis. Nada disso se aplica a você.
- Eu me sinto nu sem roupas. Sinto-me diferente - explicou Andrew.
- Diferente! Andrew, existem milhares de robôs na Terra agora. Nesta região, de acordo com o último censo, há quase tantos robôs quanto seres humanos.
- Eu sei, George. Existem robôs fazendo todo tipo de trabalho que se possa imaginar.
- E nenhum deles usa roupa.
- Mas nenhum deles é livre, George (Asimov, 2023, p. 49-51).

No decorrer do enredo, conseguimos perceber que todo esse esforço é para ele se parecer e ser como um humano. Desde o primeiro capítulo da história, Andrew se mostra muito incomodado com a forma com que é tratado, e como os outros seres da sua mesma origem são tratados. Isso é evidente logo no começo da história no trecho “Você não se ofende com o fato de que eu possa lhe dar ordens? De que eu possa fazer você se levantar, se sentar,

ir para a direita ou para a esquerda, simplesmente dizendo-lhe para fazer isso?” (Asimov, 2023, p. 11). Esse descontentamento está diretamente ligado a experiências passadas do personagem, tendo em vista que a novela se inicia em um acontecimento futuro, e todo esse esforço também está ligado a ele se sentir parte do grupo social. As mudanças comportamentais e físicas nada mais são do que um desejo da máquina de fazer parte da sociedade e ser aceito com um ser semelhante ao homem.

Conforme a citação de Moretti sobre a relação entre felicidade e liberdade no *Bildungsroman*, a obra aborda um impasse semelhante. Andrew já havia conquistado sua liberdade concreta, aprendendo com seus entalhes em madeira o valor da independência. À medida que aprimorava seu corpo para se assemelhar a um humano, ele ganhava destaque no campo da robótica, consolidando sua liberdade adquirida. Apesar disso, a corte mundial, assim denominada na obra, insiste em considerá-lo um robô, não importa sua aparência. Os avanços tecnológicos retratados na novela permitem que os humanos comecem a usar de peças robóticas em seus corpos, substituindo membros e órgãos por peças artificiais.

Dessa forma, Asimov insere uma discussão acerca do que seria um ser humano, e quais as características que devemos considerar para determinar um ser humano. Aqui entra em pauta a linha tênue entre até que ponto o ser humano, com partes do corpo robóticas, pode ser considerado um humano, e qual seria a diferença entre um ser humano biológico com a maioria do corpo composta de peças robóticas e um robô que se assemelha ao homem em aparência, linguagem e ações.

A obra *O homem bicentenário* explora intensamente as batalhas judiciais que Andrew enfrenta para conquistar direitos para sua classe e ser reconhecido como um ser humano. O herói da história não consegue encontrar plenitude em suas conquistas, pois sua felicidade estava intrinsecamente ligada ao desejo de ser aceito como um ser humano pela sociedade. No entanto, essa luta é acentuada pela profunda desconfiança e medo que os humanos nutrem em relação a ele. O cerne da resistência humana em reconhecê-lo como um igual é revelado pelas palavras de Andrew, que afirma:

Veja bem, se é o cérebro que está em discussão, não seria a questão da imortalidade a maior diferença de todas? Quem realmente se importa com a aparência, a composição ou a maneira como foi formado um cérebro? O que importa é que as células cerebrais morrem; devem morrer. Mesmo que todas as outras partes do corpo sejam mantidas ou substituídas, as células do cérebro - que não podem ser substituídas sem alterar e, portanto, matar a personalidade - devem morrer um dia. "As minhas vias positrônicas duraram quase duzentos anos sem mudanças perceptíveis e podem durar séculos mais. Não é essa a barreira fundamental? Os seres humanos podem tolerar um robô imortal, pois não importa quanto dura uma máquina. O que eles não podem tolerar é um ser humano imortal, já que a sua

própria mortalidade é suportável apenas enquanto seja universal. E por essa razão não querem me tornar humano (Asimov, 2023, p. 148-149).

Desse modo, Andrew chega à conclusão de que a única forma de ser considerado humano seria renunciar à sua liberdade, simbolizada por sua existência eterna, em busca de alcançar sua felicidade plena, que se manifesta na ideia de se tornar plenamente um membro da humanidade. O primeiro capítulo da história, que mostra o Andrew no médico, entrega antecipadamente sem o leitor saber que o personagem decide e presa à sua felicidade ao custo da sua liberdade e da sua vida. Sua felicidade, nesse caso, seria o seu fim. Apesar de os robôs serem criações humanas, os seres humanos parecem nutrir uma espécie de inveja por sua imortalidade. A novela enfatiza que, para os humanos, o que define sua humanidade não é sua capacidade de raciocínio, sua consciência ou sua aparência, mas sim sua condição de seres mortais.

Essa complexa dualidade entre liberdade e felicidade, central na jornada de Andrew, destaca-se como uma das características mais marcantes do *Bildungsroman* e da narrativa de Asimov. À medida que a história se desenrola, acompanhamos o desejo profundo de Andrew de ser aceito e reconhecido como um igual pelos humanos, a despeito de suas notáveis conquistas tecnológicas. Sua busca por humanidade e sua disposição de renunciar à sua existência eterna em prol disso evocam questões profundas sobre a natureza da identidade e da condição humana. A obra de Asimov, de forma perspicaz, nos leva a refletir não apenas sobre as implicações da tecnologia e da inteligência artificial, mas também sobre o que, afinal, nos torna verdadeiramente humanos. Nesse contexto, o personagem de Andrew simboliza não apenas a evolução da inteligência artificial, mas também a busca eterna por pertencimento e aceitação, temas que ecoam na experiência humana ao longo dos séculos.

#### 4. CONCLUSÃO

O *Bildungsroman*, gênero literário que aborda o desenvolvimento e amadurecimento de um protagonista, encontra sua expressão singular na obra *O homem bicentenário* de Isaac Asimov. Ao longo deste trabalho, exploramos de forma minuciosa as diversas camadas dessa narrativa cativante, que nos leva por uma jornada profunda na busca de identidade, aceitação e, acima de tudo, o que significa ser humano.

Apesar de ser um gênero criado para elevar a cultura alemã pós-Primeira Guerra Mundial, o *Bildungsroman* com o passar do tempo foi sofrendo alterações que o desvincilhou da Alemanha, e fixou conceitos e características marcantes que podem ser encontradas em outras publicações de outros períodos. Na contemporaneidade, existem várias obras que mostram que o gênero conseguiu se perpetuar, apesar de não estar mais ligado aos valores alemães da época. Uma delas é a obra *O homem bicentenário* do Isaac Asimov.

Em *O homem bicentenário* de Isaac Asimov, somos levados a uma jornada profunda de reflexão sobre o que significa ser humano. Através do protagonista, Andrew, testemunhamos a busca incansável de um robô para ser reconhecido e aceito pela sociedade como um ser humano. Indo além da simples semelhança física, o herói procura desenvolver aspectos comportamentais e linguísticos, aprendendo a se portar como um semelhante ao homem. Sua luta pela aceitação na sociedade, mesmo após conquistar a liberdade, ressalta a complexa dualidade entre a busca pela liberdade e a busca pela felicidade e aceitação.

Conseguimos destacar também a importância da independência financeira de Andrew vinda de seu trabalho duro para que conseguisse conquistar seus avanços, e ter o suporte necessário para os empasses jurídicos. Nossos estudos também destacaram a influência de mentores ao longo da vida de Andrew, bem como as mudanças comportamentais e a eterna juventude que definem sua trajetória. Com isso, é evidente a presença do gênero *Bildungsroman* na obra do Asimov.

Em última análise, a obra de Asimov nos leva a contemplar o que realmente nos torna humanos e nos desafia a questionar nossas próprias noções de identidade e aceitação. *O homem bicentenário* permanece como um exemplo poderoso de como a busca pela humanidade transcende a tecnologia e a aparência, envolvendo questões profundas de pertencimento, identidade e aceitação. Ao concluir esta análise, lembramo-nos de que a busca eterna por humanidade ecoa na experiência humana ao longo dos séculos, e *O homem*

*bicentenário* nos lembra de nossa própria busca constante para ser aceitos e compreendidos em um mundo em constante evolução.

É possível observar que Isaac Asimov se apresenta como um dos autores literários norte-americanos que se aventuram sob o gênero romanesco *Bildungsroman*. O autor inova ao retratar um romance de formação tendo como herói um personagem não humano, evidenciando diferentes formas de evolução experimentadas por ele, tanto sob uma perspectiva dos moldes convencionais, quanto sob novas concepções da vertente da ficção científica, contribuindo para a ampliação do paradigma romanesco. Assim, Asimov ultrapassa as fronteiras preestabelecidas pelo *Bildungsroman* tradicional, trazendo uma nova perspectiva de amadurecimento.

## 5. REFERÊNCIAS

ASIMOV, Isaac. **I, Asimov: a memoir**. Bantam, 2009.

ASIMOV, Isaac. **O homem bicentenário** / Isaac Asimov; traduzido por Aline Storto Pereira; Ilustrado por Paula Cruz; -2 ed. - São Paulo : Editora Aleph, 2023.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. 1895-1975. **Estética da criação verbal** / Mikhail Bakhtin; [tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão; revisão da tradução Marina Appenzeller]. 3o ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LUKÁCS, Georg, 1885-1971 L954t **A teoria do romance**: um ensaio histórico filosófico sobre as formas da grande épica I Georg Lukács; tradução, posfácio e notas de José Marcos Mariani de Macedo. -São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

MAAS, Wilma Patrícia Marzari Dinardo. **O cânone mínimo** : o Bildungsroman na história da literatura / Wilma Patrícia Marzari Dinardo Maas. - São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MAAS, Wilma Patricia Marzari Dinardo. O romance de formação (Bildungsroman) no Brasil. Modos de apropriação. **Caminhos do Romance**, 2005.

MATEUS, Anabela. **As pulp magazines**. 2007.

MAZZARI, Marcus Vinicius. Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister: “Um magnífico arco-íris” na história do romance. **Literatura e sociedade**, v. 23, n. 27, p. 12-30, 2018.

MORETTI, Franco. **O romance de formação**. Todavia, 2020.

OLIVEIRA, Manoela Hoffmann. Crítica ao conceito Bildungsroman. In: **Revista Investigações**. São Paulo: Campinas, v. 26, nº 1, 2013.

ROBERTS, Adam. **A Verdadeira história da ficção científica**: do preconceito à conquista das massas. Tradução Mário Molina. São Paulo: Seoman, 2018.